

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

NELSON SOARES MARQUES
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória das comunidades de Manguinhos

Entrevistado - Nelson Soares Marques (NM)

Entrevistadores - Gleide Guimarães (GG), Fábio Souza (FS) e Renato Gama-Rosa (RG)

Data – 07/12/2004

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 1h24min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

MARQUES, Nelson Soares. *Nelson Soares Marques. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória das comunidades de Manguinhos*, 2004. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 38p.

Data: 07/12/2004

Fita 1 - Lado A

RC – Dia 7 de dezembro de mil e novecentos... Mil e novecentos, aí! Volta.

FS - Fita pesada que eu te falei, né.

RC - 9 de dezembro de 2004, Projeto História do Lugar e das Pessoas, Projeto DLIS Manguinhos. Hoje, entrevista com o sr. Nelson Soares Marques. Entrevistadores: Gleide Guimarães, Fábio Souza e Renato Gama-Rosa.

RC – Então, sr. Nelson, a gente está realizando esse trabalho aqui para resgatar a história das comunidades, né, da... daqui, circunvizinhas ao campus da Fiocruz. A gente queria saber um pouco do senhor, para começar, a sua história de vida: onde o senhor nasceu...

NM – Onde eu nasci?

RC – É, (Inaudível)...

NM – Eu nasci em Botafogo.

RC – Muito bem.

NM - Aliás, sou Botafogo doente (Inaudível) (*risos*).

RC – Então, como é que...?

NM – Nasci na Marquês de Olinda, antigo 78. Não existe mais, agora é prédio, certo?

RC – Certo.

NM – Aí, de lá eu me casei, ali na São Clemente. Aí fui morar no Morro da Santa Marta. De Santa Marta eu resolvi a fugir do morro e ficar no Caju. Arrumei uma casa com o secretário... de Social, que é no tempo do doutor... doutor... era antes do dr. Délio dos Santos, era o Pinheiro não sei o que, agora não me lembro mais, (Inaudível). Aí, de lá, eu vim... do Caju vim pra Manguinhos, demorei um ano...., do Caju vim...., vim... fui pra Manguinhos com 21 anos.

RC – O senhor nasceu quando?

NM – Nasci 30... 30 de dezembro de 1929, ‘tô’ com 76 ‘ano’ já, tá certo? Dali eu ocupei a.... eu comecei a trabalhar em comunidade, auxiliei muito à... às assistentes sociais: dona Penha, dona Adalgisa, e do outro que já faleceu... da Fundação Leão XIII, e o Luciano, que

também faleceu, o administrador, aliás, assumi o lugar do... do Luciano, que a Fundação não tinha no instante quem mandar. Então, fiquei 3 anos como administrador. Depois de 3 anos eu quis entregar o cargo, o dr. Délio não deixou, aí fiquei mais 3 anos. Aí veio o dr. Jacques, porque era o coordenador da Fundação Leão XIII. Também trabalhei com ele, fiquei mais 3 ‘ano’. Fiquei 9 ‘ano’. Sou funcionário da Fundação, do tempo que eu... (Inaudível) de viver, que eu até trabalhava à noite, mas ficava na tarde, ia ficar lá na Fundação, lá, na... lá pra trás do Manguinhos. Aí vim aprendendo muita coisa com as... com as assistentes sociais, conversando, que elas ‘tinha’ medo de entrar nos ‘barraco’. Eu digo: “A senhora vai comigo que não tem nada não, a senhora não vai conversar com um marginal, não. Não tem nada a ver o seu serviço com o dele. A senhora vai conversar com a mãe dele, vai ver o que ela precisa, o que ela tem, o que ela (inaudível), vai conversar, (Inaudível) as coisas direitinho.” Aí vim embora. (Inaudível): “Nelson, você vai ficar com a gente?” Eu digo: “É, esse ano eu vou ainda, mas o outro eu acho que não, não sei, já não ‘tô’ agüentando mais.” Que a minha senhora, antes de falecer disse assim: “Larga porque não está mais dando. Ó, são 10 ‘ano’, pelo amor de Deus! Só chego em casa 3 ‘hora’ da manhã (Inaudível). A senhora (Inaudível) ‘hora’ já não tá estranhando voltar pra...?” Eu ficava com outros administradores, e aí eu (Inaudível) fazendo remoção: fazendo a remoção do Esqueleto, fazendo a remoção da... da VilaKennedy, do Esqueleto pra Vila Kennedy. Depois, acabando lá, houve aquele problema na Praia do Pinto, que queimou os ‘barraco’ ‘todo’. Então eu (Inaudível) da Praia do Pinto pra Vila Kennedy, a metade, (inaudível), aqueles ‘prédio’ ‘novo’ que o Lacerda fez, e aqueles que não ‘podia’ pagar, (Inaudível) ou Manguinhos, compreendeu, porque não podia pagar, não tinha renda. Depois, lá, a gente começou com a remoção. Aí, ‘fizemo’ também a Catacumba... Se lembra da Catacumba? (Inaudível) pra o Manguinhos, (Inaudível) toda pra o Manguinhos. (Inaudível) a Cachoeirinha. Veio a metade pra o Manguinhos, quem podia pagar, e a metade foi pra Cidade de Deus, e outro foi pra Paciência.

RC – Cachoeirinha era onde?

NM – Pra Cachoeirinha.

FS – Onde é que era?

GG – (Inaudível)?

NM – A Cachoeirinha é... é Lins Imperial, a outra da escola de samba... é... é no Lins, agora eu me lembro. Então, isso tudo (Inaudível).

RC – Certo. E o senhor trabalhava...

NM – Mas a favela (Inaudível), a favela ‘tava boa, você podia ir pra favela que não tinha nada, só veio a piorar depois de 20 ‘ano’ pra cá, 25. Aí começou a... a polícia a fazer muita coisa. Mas chegava, prendia o cara, levava ele lá. Tinha dinheiro, eles carregavam o dinheiro. Aí começaram a dar força àquela rapaziada. Ia preso, mas sabia que ia ser solto ali, ia... e tinha que dar. É uma vergonha! Foi isso que piorou a violência aqui no Brasil. Eu me (Inaudível) que eu tenho sítio, morar lá..., me mudou até pra roça. Já ‘passou’ esses

dias, graças a Deus! (Inaudível), eu não, eu não acredito, já (Inaudível), eu não acredito, não. (inaudível) a mal, eu vou continuar lá mesmo. “Vem pra casa e descansa, pai. O que é que tu fazendo lá?” “Eu vou continuar lá, (Inaudível).” E aí não quis mais nada da mulher porque as ‘mulher’ começaram a piorar em vez de melhorar! É pra botar um negócio pra me dar trabalho dentro de casa? (Inaudível). (Inaudível) minhas ‘filha’, tá entendendo, meus ‘neto’. Tenho 16 ‘neto’, ‘bisneto’ já tenho 8, é, e ‘tô’ feliz, entendeu? Tenho mais um garoto, que está em São Paulo, trabalhando com a... em negócio de ponte, hoje tá se formando... ah, engenheiro, mas tá, primeiro, aprendendo.

RC – Sr. Nelson, então, o senhor trabalhou quase 10 anos para a Fundação Leão XIII?

NM – Leão XIII.

RC – Mas o senhor disse que não recebia nada por isso?

NM – Nada, nada, nada.

RC – Era como morador local, né, que...

NM – Trabalhei por, até... até (inaudível), até (inaudível).

RC – Mas deixe eu... deixe eu explicar. Como é que... como é que funcionava isso? O senhor disse que trabalhava na remoção. O que o senhor fazia, assim, exatamente?

NM – Olha, eu costurava em casa a cortina, fazia a cortina, pra Copacabana, pra... porque as ‘freguesa’ querem estofador pra fazer só a cortina, passei a fazer cortina que não tinha tempo pra fazer estofado mais. Eu ia lá, (Inaudível), atendia... aquela semana (inaudível) todo o dinheiro, aí dava pra mulher fazer compra em casa (trecho inaudível). “(inaudível) vai trabalhar, (inaudível).” Digo: “Eu vou trabalhar, (inaudível) vai dar tempo, vou trabalhar. Então, você corta a fazenda, você corta as ‘fazenda’. Quando eu chegar eu faço tudo. Tem o modelo para não errar, tem a ‘pranta’ do modelo, faz direitinho, mas deixa o resto que eu faço, costura é comigo.” Ali naquela máquina, naquele (Inaudível), não tem tamanho, tenho até hoje, graças a Deus, não me livro mais disso, não, porque eu me aposentei. Me aposentei pelo Metrô.

RC – Metrô?

NM – Pelo Metrô, trabalhei 20 ‘ano’.

RC – Não, mas eu digo assim, na... nesses trabalhos de remoções, qual era o seu... qual a sua... qual era a sua função? Em que o senhor ajudava a Fundação Leão XIII?

NM – Ajudava? Eu entregava as ‘casa’... chegava com memorando... vinha da Pinto, por exemplo, 10 ‘família’. Então você tem que organizar: uma tem 10 ‘filho’, a outra tem 5, a outra tinha 3. Então, (Inaudível) a casa maior dava para as 10, se não desse tinha que dar outra, arrumar 2 pra dar. Mas tem gente que (Inaudível) a casa fora da... do negócio

(Inaudível), então a gente conseguia fazer. Eu falei: “Ó, Jacques, o negócio que tu tem que fazer é assim, se eu (inaudível) e (tranca?). Não deixa eles no meio da rua, não, tem criança, (inaudível) rua, nem velho, nem velho.” Aí (Inaudível), botava tudo direito. Por eles, eles deixavam tudo a... “Aí, ‘pera’ aí, ‘tamo’ aqui!” Nada disso. É por isso que eu (Inaudível). Esqueleto, a mesma coisa, que do Esqueleto (inaudível), ali dava, ali (Inaudível) sempre (Inaudível). (Inaudível) na Mangueira, Maracanã, ali era um perigo. A Ligth e que brigava muito com eles. Pedia a calma... deixa fazer a remoção: “Vocês vão pra lá. Não vou tirar o direito de vocês, eu não, quem pode tirar é Deus, é a Justiça, eu não posso.” Fazia aquilo que ‘tava’ dentro do... do processo de administrador. “Que (Inaudível) porque eu nunca trabalhei nisso!” “Mas tem que aprender, meu filho, como é que você não (Inaudível)? Só (Inaudível) o Jacques (Inaudível), o Jacques tem que escolher a *pessoa* que pode trabalhar nisso!”

RC – Essa pessoa quem era, Jacques...?

NM – Era o coordenador da Fundação Leão XIII, foi coordenador (inaudível), mas deve ser coordenador ainda. É muito boa pessoa.

RC – E onde funcionava o escritório da Fundação Leão XIII (Inaudível)?

NM – Aqui, na Senador Dantas.

RC – Senador Dantas.

NM – É, começou na Senador Dantas, depois pra... foi pra Jaime... Jaime Câmara, sei lá, em frente àquele... o hospital (Inaudível), onde vende caixão pra morto... Avenida Jaime Câmara.

RC – Dom Hélder Câmara, dom Hélder Câmara...

NM – É. Tinha duas ‘sala’ lá, ou três, (Inaudível) aqui o prédio é todo, Senador Dantas é da Fundação. Não sei o número, não.

RC – Quer dizer, isso foi durante 10 anos, né?

GG – É, em que ano?

RC – Pois é, o senhor disse que o senhor... pelo que o senhor andou falando, o senhor chegou aqui em Manguinhos em 1950, é isso, não?

NM – Tenho 50 ‘ano’ de Manguinhos (*risos*).

RC – 54 anos de Manguinhos.

NM – Eu estou com 77! Vou fazer 77 em maio, dia 30.

RC – Tá certo. E o senhor veio pra que área de Manguinhos? Para que região de Manguinhos o senhor veio? Dentro da... da... de Manguinhos, qual foi a área que o senhor veio? CHP2, não?

NM – Ali é... era... era ex... era as Pioneiras Sociais, é o que foi pra Cordovil. Tem a Igreja São Daniel. Ela era linda, aquela igreja, mas quebraram tudo, o vidro que veio da Suíça (Inaudível), linda, uma beleza! (inaudível). Depois ainda (Inaudível), consegui botar o padre lá dentro novamente. Agora, cerquei aquela área toda, até a... os vidros que ‘botou’, que custou (Inaudível) bolso nosso, da comunidade, ‘botamo’ os ‘vidro’, não tão ‘bonito’ como ‘era’, mas dá pra quebrar o galho, dá pra ficar a coisa mais limpa.

RC – Entendi. Em que área que é o... Pioneiras Sociais? Deixe só a gente se localizar aqui.

GG – Acho que na rua São Daniel, em CHP2, na rua São Daniel. Vamos achar aqui.

RC – São Daniel aqui?

GG – Isso, (Inaudível)...

NM – É, São Daniel... tem a rua São Daniel, é. Aqui começa a rua.

GG – Perto do (Inaudível)...

NM – Me lembro da igreja.

RC – Isso, a igreja tá aqui, olha...

NM – Também botou o nome.

GG – Rua São Daniel. Ela pega toda essa curva, pega o (Inaudível) mais ou menos por aqui.

RC – Ah, ela faz essa curva?

GG – Faz essa curva.

NM – Aí começou a botar o nome das ruas: São Daniel, como é... Rua Ceará, Rua Pernambuco...

RC – (Inaudível)...

NM - ... porque a Light começou a botar luz do poste e tem que ter (Inaudível) senão não coloca poste, aí ‘colocamo’ poste de luz, tudo, ‘pros moradores. Uma tarefa difícil (Inaudível) porque o *presidente* da Light, muito amigo meu, aliás ele foi candidato político, (Inaudível), era muito amigo, dr. (Inaudível), ele era *enjoado*. “Se fizer *ali* eu *derrubo*.” “Ô doutor, pára aí, ninguém vai fazer nada! Vai parar a *sua ordem*. Ninguém é idiota, ninguém

vai se meter a... *meter a mão nonegocio* da Light.” “Ah, mas ocuparam de barraco.” “Nós ‘vamo’ tirar, doutor.” Não foi a gente que mandou fazer não. ‘O’ ‘morador’ ‘fez’ 192 ‘barraco’! “Mas eu vou ... eu vou tirar, eu vou chamar o Garotinho e o César Maia pra dar um jeito nisso.” ‘Chamamo’, (Inaudível) o César Maia (Inaudível). (Inaudível) tirar, não estou aqui de... de (Inaudível). A custo de muito, muito trabalho, ‘tiram’! Essas ‘família’ já foram até pra... como é... pra aquele lado de lá, aquela... Sepetiba.

GG – Ah, sim, o senhor está falando da última (Inaudível)...

NM – É, é, (Inaudível)...

GG - ... (Inaudível)?

NM - ... da Light...

GG – (Inaudível)?

NM - ... da Light, da Light, da... A Light forçou a tirar. E a outra metade foi pra Belford Roxo...

GG – Ah, sim...

NM - ... certo, (Inaudível) na Fazendinha...

GG - ..., mas as últimas remoções (Inaudível)...

NM - ... Belford Roxo, 40 ‘família’ pra Belford Roxo, e o resto tudo lá pra cima, 180 ‘família’, tá bom. ‘Tão’ lá, ‘satisfeito’, mas, mesmo assim, alguns já venderam, já voltaram, ‘tão’... ‘tão’ dentro do Manguinhos novamente.

RC – Quer dizer, o que a gente reconhece como área de João Goulart existe esse nome de “Pioneiras Sociais” também?

GG – (Inaudível)...

NM – É...

RC – (Inaudível).

NM - ... (Inaudível) Pioneiras Sociais.

GG – Pioneiras Sociais tá dentro do CHP2.

NM – É CHP2.

GG – É dentro do CHP2.

RC – Ah, tá, é porque tem essa divisão aqui.

GG – É.

NM – É, tem essa... essa (Inaudível), essa (Inaudível) tem um parque na frente porque o CHP3 (inaudível).

GG – Não era... era... chamava (Inaudível).

NM – Mas o da frente chamava 4, e o (Inaudível). Eu trabalhei nos dois, viu? Aí começaram a botar o nome da rua. Toda rua tem nome: Dona Mariana, São Sebastião...

RC – Ah, é, tá aqui.

GG – Tá, tá aqui.

RC – Rua Miranda...

NM – Rua Miranda...

RC - ... (Inaudível) Jacinto...

NM - ... Rua Jacinto, é perto da Coréia.

RC - ... Rua Guarani...

NM - ... Guarani tem também.

RC - ... Rua Regina... Então, o senhor conhece bem essa área aqui. Rua Isabel...

NM – Tudo tem aí...

RC – O senhor que ajudou a dar...?

NM – (Inaudível).

RC - ... o senhor que ajudou a dar os nomes?

NM – É, (Inaudível) (risos). O sujeito vai lá, o (Inaudível) paga. Pode pagar lá, mas (inaudível). Tem muita gente que não paga mesmo porque... também não gasta nada, (Inaudível) pouca gente nessa época porque deu um curto lá nos ‘transformador’ e metade dos ‘aparelho’ queimaram ‘tudo’. E a Light não vai pagar isso tudo que ela tirou o corpo fora, e, se quiser pagar, vai... vai pra justiça, fica o tempo todo na gaveta e... Vai lá: “Pode deixar, tá andando.” Tá andando na gaveta, claro.

FS – E a Igreja São Daniel? Fala mais um pouquinho dela.

NM – A igreja é linda. Agora é que o pessoal tá voltando a usar a igreja, mas depois que... bota... mata uma pessoa lá e faz... como é que é... faz, à noite, lá com o morto, não é possível.

FS – Botaram dentro da igreja?

NM – Dentro da igreja, e o cara (Inaudível). O padre tem medo...

RC – É, claro.

NM - ... entende? Porque tinha um negócio de macumba, em frente a Igreja (Inaudível), eu consegui tirar, macumba, um santo todo fantasiado. Pelo amor de Deus, (inaudível)! Cheio de vela. (trecho inaudível). “Vamos lá na (Inaudível)?” “Eu vou pra (inaudível)! Mas (Inaudível) o que for que eu não quero (Inaudível).” Aí, conversei com o cara: “Não fica bem...” Um troço ‘tudo’ sujo, rapaz, lá, tudo imundo, o pessoal vindo rezar pra Deus! O que é isso? Pelo amor de Deus! Aí chamei o outro: “(Inaudível), tá muito violento. O cara tá falando certo, tá uma imundície aquilo ali. Agora é negócio de caixão. Pelo amor de Deus! Aí (Inaudível). Posso até morrer. “Ah, mas o senhor é maluco, eles estão botando papel na boca. Tem mato lá, eles ‘rola’ aquele papel, um troço largo na boca do cara que (Inaudível), que eles não gostam, seja vagabundo, seja (Inaudível), passa a (Inaudível) até o pescoço, você só fica com isso de fora, manda lá pra o canto.

RC – (Inaudível)?

NM – O quê? Queima!

GG – Sr. Nelson, o senhor tem algum... teve, assim, algum filho que casou, foi batizado, na Igreja de São Daniel, tenha tido (Inaudível)...?

NM – Não, ninguém, foi tudo... ‘tudo’ os meus filhos foram ‘batizado’ ali na...

GG – ... Nossa Senhora de Bonsucesso?

NM - ... de Bonsucesso.

GG – O pessoal fazia isso. E o senhor não tem nenhuma foto, não?

NM – (Inaudível). Hein?

GG – O senhor não tem nenhuma foto da Igreja de São Daniel, quando ela tinha os vitrais? O senhor não tem nenhuma foto da Igreja de São Daniel de quando ela tinha os vitrais (Inaudível)?

NM – Não, (Inaudível), eu queria ter. Eu fui burro. Eu tinha uma máquina, era bonita, (inaudível) de vida, vendi,a máquina.

RC – Mas o senhor (Inaudível)...?

NM – Como eu vendi o carro, precisei, vendi. A mulher (Inaudível).

RC – Mas o senhor não tem nenhuma foto dessa época?

NM – Não.

RC – Não, é?

NM – Era linda! Se você visse os ‘vidro’ da Suíça, era uma coisa!

RC – É, interessante.

NM – ‘Era’ uns ‘santo’ bem... bem ‘decorado’, a igreja decorada...

RC – Mas ela foi construída pelas Pioneiras Sociais?

NM – Não, ela foi construída pelo Governo Federal.

RC – Governo Federal, é.

NM – Aquilo é Patrimônio.

RC – É, ela foi tombada (Inaudível).

NM – Ela é Patrimônio, da própria...

RC – Quer dizer, ela foi construída pelo Governo Federal pra começar a urbanizar essa área?

NM – Isso.

RC – Ah, tá.

NM – Foi o Governo Federal, eu acho que foi Juscelino Kubitschek.

RC – Ah, tá.

NM – Foi Juscelino Kubitschek.

RC – O senhor sabe que o projeto é do Oscar Niemeyer, né, é do Oscar Niemeyer aquele projeto lá da igreja.

NM – É, também.

RC – Oscar Niemeyer.

NM – Sei, é um grande... um grande arquiteto, acho um grande arquiteto. Trabalhador.

FS – E o padre lá ficou com medo, então, foi embora?

NM – Foi embora, o padre Júlio. Dava... ele, no princípio, dava aquelas ‘festa’, aquela... como é... passeata pela favela. Ia até o Jacarezinho, ia até outra favela, ia até a Varginha, que é outra favela, João Goulart, a Favelinha... era bonito. Mas apareceu lá um cara (Inaudível) pro o povo, num dia até de batizado, deu dois ‘tiro’ pra... pra dentro da igreja, ele saiu (Inaudível).

RC – Isso foi em que época, mais ou menos, (Inaudível)?

NM – Ah, isso foi em quê? (Inaudível) morreu era o quê?

GG – Nos anos 70?

NM – Hein?

GG – Foi nos anos 70?

NM – É, 75-76, (Inaudível) morreu...

FS – Mas desde...

NM - ... (Inaudível).

FS - ... desde essa época não tem mais padre lá?

NM – Não, vai pra lá, mas não fica.

RC – Não fica?

NM – Não. Vai lá, reza... na igreja, faz (Inaudível)...

FS – (Inaudível).

NM – É, faz as orações... Tanto é que ele não tá fazendo 1ª Comunhão dentro da igreja, tá fazendo na outra de Bonsucesso.

FS – Ah, então tem missa lá?

NM – Hein?

RC – Tem missa aos domingos?

NM – Tem, (Inaudível), a gente... (Inaudível), eu quero missa ali que eu gosto, não só eu, muita rapaziada gosta, senhoras de idade, tem muita mocinha que gosta. Não ‘é’ todos que são ‘largado’, então às ‘vez’ tem chegar e pedir pra salvar a Igreja, né, também. (Inaudível): “Vai pra o crente, amiga.” O crente, eu (Inaudível) um pouco porque ele prega no ônibus, prega essas coisas, (inaudível). Se vê a mulher com a saia, ele fala, se vê o cara com ‘os’ peito aberto, ele fala.... Eu digo: “Pô, detesto crente, pelo amor de Deus!” Eu... Jesus tá no coração, não tá na roupa, não tá no... certo? Ele tá dentro da gente. A gente faz aquilo pra agradar Jesus.

GG – Sr. Nelson, a igreja ficou durante algum tempo abandonada mesmo.

NM – Não... agora melhorou um pouco... que houve aquela obra agora, a grade cercada... Agora vai (Inaudível) pintar aquilo tudo, compreendeu, por fora, que jogam... Aquela lixeira (Inaudível) tá feio, tá horrível aquilo ali.

GG – Aquele (Inaudível)...

NM – Ali não é pra botar lixeira, pegado à igreja...

GG – Sr. Nelson...

NM - ... porque (Inaudível).

GG – Acaba jogando lá.

NM – o pessoal não joga no coisa... joga... é a mesma coisa botar aqui... no rio... em vez de botar onde lixeiro passa, jogam no rio. O que é isso?

GG – Sr. Nelson, aquele posto São Daniel, ele pertence à igreja?

NM – O quê?

GG – Aquele postinho São Daniel, uma sala que tem, que agora parece que é centro comunitário, uma coisa assim...

NM – A que....

GG - ... é dentro da Igreja?

NM – Agora?

GG – É.

NM – Pertencer, pertence, mas agora mudou lá prá... onde era a birosca do seu Zé.

GG – Ah, sim.

NM – Ali onde eu moro...

GG – Sei.

NM - ... do outro lado, *na outra rua*, é Rua Ceará, é na Rua Ceará de ponto... eles fizeram um salão em volta, outro salão em cima. Ali passou o... o que eles ‘cria’ as ‘criança’ pra fazer 1ª Comunhão...

GG - Ah, sim, porque...

NM - ... e fazer festa.

GG - ... a igreja não tem Casa Paroquial, ela não tem Casa Paroquial.

NM – Ali fazia (Inaudível).

GG – (Inaudível) Daniel. É um postinho, uma casa que foi cedida pra ser sacristia porque a igreja ocupou um centro, como está aí no centro da comunidade, sem... espaço para fazer Paroquial. Só que, com essa situação de violência que o sr. Nelson falou, ficou abandonado.

NM – (Inaudível). Vou te dizer, ali, quando o governador tomou posse, o falecido Carlos Lacerda, que tirou a linha dos ‘bonde’ ali, a da ‘Democrática’ toda até a Penha, entrou ali dentro. Eu conversei com ele: “Doutor, dá um... o senhor tem a força maior... que eu, não vai ter trabalho pra o senhor, não, nem pra o Jânio Quadros. Eu queria que vocês me dessem um jeito, limpar a área, mandar fazer uma limpeza. Esses ‘buracão’ que tem aí, tapar isso tudo que tá horrível, fazer um serviço de branco. Então, um troço pra tapar e acertar e a CEDAE pedir à CEDAE.” Ela organizou tudo, entendeu? Quem for pra cá... pode conversei já com o Garotinho... a briga de (Inaudível) com a Rosinha (Inaudível). A política é pavorosa. E apressou o cara que... o que era (Inaudível) era da Saúde e trabalhou (inaudível). Venceu em São Paulo José Serra, mas sabe por quê? Ele é um cara que se interessa pela Saúde! Você veja aquele remédio de... com (inaudível), mais barato, esse que (Inaudível)...

FS – Os genéricos?

NM – Aquele negócio da Aids, ele abrir... fazer mais barato aqui, ou dar pra quem não pode comprar. Então, um cara que a gente está pensando que ele quer trabalhar, certo? Você quer trabalhar, fazer serviço limpo.

RC – Qual foi, então, o último governo que o senhor acha que quis trabalhar nessas comunidades, sr. João? Qual... quem o senhor identifica, assim, que...?

NM – Agora?

RC – É, desses últimos, assim, qual... O senhor mencionou Carlos Lacerda, mas, depois dele...

NM – Ah, agora, (Inaudível)...

RC – ... (Inaudível)...

NM - ... em Saúde?

RC – Não, eu digo assim, nas comunidades.

NM – Ah, comunidades. César Maia.

RC – César Maia?

NM – Não é porque eu gosto do César Maia, (Inaudível) eu vi ele fazer! Em Bonsucesso... Você frequenta Bonsucesso? Você já ‘teve’ *em* Bonsucesso? Era... aquilo era uma buraqueira danada! Ele organizou Bonsucesso. Muita gente diz que ele é contra camelô. Ele não é contra camelô, é contra o camelô que vende droga, droga é aqueles ‘negócio’ que vem do Paraguai.

RC – Falsificado (*risos*).

NM – Falsificado. Aqueles ‘negócio’ do Paraguai, ventilador... Tu ‘compra’ (Inaudível), pára, depois tem que jogar no lixo. Cigarro, a mesma coisa, jogar no lixo que aquilo faz mal, eu fumo, mas faz mal. Uma outra coisa: esses ‘negócio’ de ‘brinquedo’ ‘caríssimo’, tu dá a corda, amanhã já ‘tá’ ‘quebrado’. Então, ele tá certo? não paga imposto, não paga nada, não dá lucro pra fazer hospital, fazer uma comunidade... dá nada, porque aquilo deve ser levado em conta.

RC – Mas, na comunidade, o que ele fez?

NM – Quem?

FS – César Maia.

NM – Olha, ele nunca fez nada, vou dizer por que motivo. Primeiro, foi o Conde, (Inaudível). Eu conversei com o Conde. Eu digo: “Conde...” Mas tem um tal de Sérgio Cabral, atrapalhou todo o trabalho do Conde, e atrapalhou o do César Maia. O pessoal do (Inaudível)o pessoal que trabalhou ‘pra ele, a metade é tudo bagunceiro. É verdade... bebia cerveja, ‘panhava o dinheiro dele em campanha, botava um monte de gente, mas com baderna... Ele botou o comitê lá dentro, com telefone, levaram o telefone. No fim, ele... agora... pra fazer a campanha desse menino... do Conde... Eu digo: “O Conde vai perder voto.” Ainda falei com o Bittar, eu digo: “Bittar...”

FS – O senhor conhece todos, hein! (*risos*).

NM – (Inaudível) eu conheço todos. “Agora, sabe por que eu não voto no teu partido? Porque o Lula prometeu e tá prendendo.”

FS – Mas ele vai chegar lá.

NM – Você vê o pessoal lá no (Inaudível), quem não vê? Pelo amor de Deus! (inaudível), ele é muito cara-de-pau! “Ah, só dá... toma aí...”. Agora já estão fazendo de 286, não fala... (Inaudível), você vê pela televisão e pelo rádio. Se tu ‘aparecer’ lá ele te dá coça. Mas ele foi lá, rindo: “É 300.” (Inaudível) não quero nem saber, rapaz... Eu quero (Inaudível) vale 20 ‘conto’ (Inaudível). Vinte ‘conto’ paga um cara desse da boca de fumo ao garoto aí, rapaz. Isso é uma vergonha, ganha mais do que um operário, ganha 580, um garoto de 12 anos ganha 580!

FS – O tráfico.

NM – O pessoal que *toma um carro* e vai lá dentro, e (Inaudível), apanha 5 milhões, todo o mês. Agora você não pode falar lá isso, é morto na hora, ‘taca’ a fita e vai.

RC – Então, vamos (*risos*)... vamos voltar.

FS – Sr. Nelson, o senhor falou da luz, que a... que o senhor tinha que colocar, ajudar a colocar nome nas ruas pra poder colocar a luz.

NM – Exato.

FS – Antes disso ninguém fazia “gato”?

NM – Não, a luz era em cabide. Sabe o que é cabide?

FS – Ah, (Inaudível).

NM – Era *cabide* (Inaudível) com 3 ‘faca’. Então, você chegava no pau, lá... Quem não soubesse ligar corria perigo, que tem... tem que (Inaudível), então, só quem podia fazer aquilo era uma pessoa que trabalhasse de eletricista e... e já ‘trabalhou’ na Light. Então, era A, B e C. Se você ligasse a C primeiro, (Inaudível) a do meio, estourava tudo. (Inaudível).

Fita 1 - Lado B

FS - ... era um botequim, era um botequim.

NM – É, aproveitaram que ali tirou a... a Light tirou a... os transformadores, hoje é botequim lá dentro.

FS – E era... eram os moradores que compravam essas caixas?

NM – Não, aquilo (Inaudível), a conta vinha pra o serviço social.

FS – Ah, sim.

NM – (Inaudível) Secretaria de Serviços Sociais.

FS – (Inaudível) rateado, dividia?

NM – É. Não, (Inaudível), (Inaudível) rateado nada, aqueles metiam nas ‘gaveta’ e ficavam devendo (Inaudível), e a Light reclamando que ia cortar: “Vou cortar, vou cortar.” Eu digo: “Espera aí, antes deles ‘cortar’ “‘vamo’ dar um jeito aqui: Faz a comissão, ‘vamo’ pra Light...” “Mas eles não ‘vai’ receber.” “Vai receber, rapaz, o que é isso? Você é que tá dizendo que eles já não ‘vai’ receber! Tem que marcar, pô, conversar com eles, agora sim. Ele pode ter outra coisa na frente, não pode?” Aí, ia lá, eu conversava... “Eu vou sozinho, primeiro, porque o que ele me esculhambar eu digo aqui.” Aí falei: “Ô doutor, eu queria falar com o dr. (Inaudível).” “Ele tá perguntando quem é.” Disse: “Fala que é o Nelson Faquir, pronto.” “O quê?” “Nelson Faquir.”

FS – Nelson Faquir?

NM – “É o tal... é o tal do Nelson Faquir.” “É o tal não, rapaz, Nelson Faquir, não sou tal.” Ele, aí, foi: “Manda ele entrar.” “(Inaudível).” “Manda ele entrar, rapaz, eu estou mandando ele entrar. Ele tá de bermuda?” “Que tá de bermuda, ele tá de calça.” Aí eu entrei: “Boa tarde.” (Inaudível) “Tu me ‘conheceu’ como?” (Inaudível). “Ô, rapaz, pára com esse negócio!” Aí (Inaudível): “Seu, sr. Nelson, quantos ‘barraco’ são ali dentro?” “Barraco, não, tudo é casa agora. Barraco tem pouco.” Tem 70 ‘barraco’, 300 ‘casa’, é, (Inaudível) ‘suspensa’. Imagino que seja que fizeram agora porque vai sair, né, então, já estão fazendo.

RC – Então, isso... isso que eu ia perguntar pra o senhor. Bom, o senhor trabalhava na remoção. Essas casas que iam dando para as pessoas já eram casas com tijolo, alvenaria, (Inaudível)?

NM – Alvenaria, todas alvenaria, todas as ‘casa’ ‘boa’. Aquela... aquela do Pinheiro, que a gente tem, é boa, são 2 andares. Aquela foi dada pelo falecido Brizola, não foi dada por ninguém, foi dada pelo Brizola (Inaudível) mudar a favela, trocou na frente do rio, a CEDAE, então deixaram isso pra lá. ‘Tava’ em frente ao rio. Como o rio enchia ali, o rio ali e aqui, depois passou a vir aqui e ficava dessa altura, 2 ‘metro’ de altura, pegava os ‘móvel’ da pessoa. Então ele resolveu tirar 82 ‘família’. Eu tenho tudo escrito lá, eu tenho sim. Aí foi o Brizola, foi a pultima remoção, entendeu?

RC – Lá na Maré, né?

NM – É, é, isso foi pra o Pinheiro, não foi nem pra... como é... pra outra, aquela outra favela pegada ao do (Inaudível), do João, não. Aquela é uma, a do Pinheiro é outra, (Inaudível)...

GG – Sr. Nelson, essas casas das Pioneiras, do CHP2, quando o senhor veio pra Manguinhos já estavam construídas?

NM – Já.

GG – Já?

NM – A ‘Pioneira’ ‘tava’ toda. (Inaudível)...

GG – Já. E aquela da frente, Rua Jacinto, aquelas lá da Rua Dorival... (Inaudível)?

NM – Da frente? Aquelas ‘foi’ ‘construída’, ‘dada’ pelo... pelo dr. Samir Jorge, trabalhava na Secretaria de Serviços Sociais também.

GG – Ah sim, então aquelas lá da frente são mais novas, são mais novas que (Inaudível)?

NM – É, dr. Samir Jorge. Parece que ele não se elegeu, não, ele era candidato a vereador. Ele foi deputado federal, foi estadual, foi vereador. Ele tá no Jacarezinho.

RC – Samir Jorge.

NM – Ele (Inaudível)...

GG – Tem uma rua no Manguinhos com esse nome.

RC – Ah, é?

NM – Muito boa pessoa. Ele deu as ‘casa’, *não vou dizer, mas ele deu sim*, deu aos ‘morador’ dali, entendeu? Não deu nem a morador estranho, deu tudo ali que ‘tava’ no... nos ‘barraco’. E esses que ‘tão’ ali na Coréia – não tem a Coréia, que era toda (Inaudível) – ele passou tudo pra o Mandela...

GG – Sim, da rua São Daniel.

NM – ... jogando tudo no Mandela, compreendeu, que as ‘casa’ ali ‘tava’ ‘horrrível’: as ‘casa’ caindo, umas ‘torta’, umas com (Inaudível), dava uma aparência danada. Aí aquele escuro fez aquele campo de futebol, cercaram.

GG – O Gabriel?

NM – O Gabriel. Aí teve aquele negócio de... de basquete e aqui futebol de salão.

GG – Quadra?

NM – (Inaudível), aquilo foi muito bem feito.

FS – Sim. E essas casas que o senhor comentou, elas já vinham totalmente prontas, já (Inaudível)...?

NM – (Inaudível), com pia, com tudo...

FS – Com pia (Inaudível)...?

NM - ... com pia, bica, tanque, tanque do lado de fora...

FS – (Inaudível)...

NM - ... cozinha muito bem feita, o banheiro com a caixa em cima, até muito bem...

FS – Era meia-água?

NM – Hein?

FS – Era meia-água?

NM – Era quarto... dois ‘quarto’, sala, cozinha e banheiro.

RC – Mas o telhado era...

NM – (Inaudível).

FS - ... o telhado era dividido, assim...?

NM – Não, era...

FS - ... ou só pra um lado?

NM – Não, que a (Inaudível) do telhado era os ‘telhado’ da época, até bonito o telhado. E tinha um terreno atrás que pertencia à casa também, mas esse terreno ‘tava’ pronto, aí o cara ia fazer se ele quisesse levantar.

RC – Quintal, tipo um quintal?

NM – É, a parte toda fez. Lá em Sepetiba o pessoal fez também, compreendeu? Então, (Inaudível), que é pra morar filho ou filha, certo, ou a mãe dele que viesse de Pernambuco ou do Ceará.

RC – Tá. Me explica, assim, um pouco mais a questão do processo da remoção. Como é que o senhor foi chamado pra trabalhar nisso? O senhor se candidatou ou...? Porque o senhor tinha 21 anos, não, nessa época. Como é que o senhor...?

NM – Eu, foi o seguinte: eu cheguei lá pra ver cartas...

RC – ‘Pra ver...?’

MN - Pra ver cartas. Mas conheci a tal de Penha, ela era solteira. Aí, eu conversei com ela, mas nada de namorar, não, porque eu já era casado. Ela só (Inaudível). Eu passei a ir todo o dia lá conversar quando vinha do... do meu serviço (Inaudível), sabe? “Então fica por aqui.” Eu digo: “Vou pensar.” Aí conheci o Luciano, que é falecido. Bom rapaz também, mas... mo... morreu novo. Morava em Santa Teresa. Deixou um filho já que tá na Fundação, já tá maior de idade. Então, eu (Inaudível): “(Inaudível), o que é que tem pra ‘mim’ fazer aí?” “Quer ajeitar esses ‘fichário’ aí?” Eu digo: “Eu vou ajeitar.” “Ajeita por rua.” Eu digo: “Tá bem. Me dá uma conta aí que eu vou ajeitar por rua.” “Nelson, tem uma coisa: não pode vender a casa. Nós ‘vamo’ correr todas as ‘casa’. O morador que a Secretaria Sociais deu não quer que venda a casa, nem quer que faça uma casa em cima, pro segundo andar, por que estrutura pra isso.” A casa era levantada do chão só com aquele negócio de cimento, certo, e... não tinha resistência de... de ferro nenhum. Aí ‘conversamo’ isso levou o que... uns 4 meses pra gente fazer esse serviço todo, que era muita casa, e muito barraco. E barraco também é proibido vender. Depois, passou um tempo, o Délio faleceu, dr. Délio dos Santos, que foi presidente da Fundação Leão XIII. Ele é falecido. O filho é que ‘tava’ lá (Inaudível) tá na Fundação. Aí... aí dr. Délio faleceu, o Jacques não segurou o bonde, então começaram a levantar. Levantou uma, ‘levantou’ duas, quando eu fui ver, quando a gente viu, já ‘tava’ tudo levantado. Não podia botar na rua, (Inaudível), mas eles fizeram... eles fizeram ferro. Então, eu falei ‘pra ele: “Ó, eles fizeram ferro? (Inaudível) dinheiro da fundação? Chama o doutor... como é o nome dele... dr. Saul, era dr. Saul.” (Inaudível). Eu digo: “Chama o outro mais velho também e ‘vamo’ fazer uma sangria aí.” Aí fizeram a sangria, coisa e tal... “Tá com ferro?” Eu digo: “Tá.” “Você garante?” “Garanto, tô dizendo, assino em baixo agora.” Aí foram ver a outra que ‘tavam’ fazendo também. ‘Tava’ tudo certo, só a dos barraco que não tinha começado porque não tinha dinheiro pra comprar tijolo. Eu digo: “Aí é com eles mesmo. Se a Fundação não der a ele, nem a Secretaria, (Inaudível) porque também não tem dinheiro em caixa, acho que não. Tem muita despesa, tem. É despesa com funcionário, é despesa com luz, é despesa com material de escritório. São salas ‘cara’ da cidade...”

RC – É... qual era... Bom, então, a Fundação Leão XIII, ela era ligada à Igreja, à Arquidiocese do Rio de Janeiro? O senhor lembra disso?

NM – Ela visitava, sim.

RC – Mas ela tinha ligação com a Arquidiocese?

NM – Não, tinha, tinha aqui padre.... (Inaudível). O padre tinha... O dr. Délio tinha andado nessas ‘igreja’. Aí eu tenho certeza porque ele me levou um dia, ‘fomo’ aqui na cidade, naquela igreja redonda, (Inaudível).

GG – Catedral Metropolitana.

RC – Catedral...

GG - ... Metropolitana.

NM – A Catedral é bonita (Inaudível).

RC – lá no centro...

GG – (Inaudível)...

NM – Eu fui até com ele esse dia, que eu não conhecia, não. Eu sou carioca, mas não conhecia aquilo. Fui ver, gostei, mas ele trabalhava com padre.

RC – Agora, sr. Nelson... bom, vamos pra essa área aqui. O senhor... o senhor chegou a ver a construção do conjunto dos ex-combatentes, ou já estava pronto quando (Inaudível)?

NM – Do ex-combatente?

FS – É.

NM – Olha, do ex-combatente eu conheço lá da Avenida Suburbana, mas também desse mesmo prédio dentro da favela que derrubaram.

RC – Pois é, isso, isso.

NM – É esse prédio?

RC – Esse, esse.

NM – Nós ‘tivemo’ um na Suburbana, que derrubaram, ‘tivemo’ outro dentro da favela, onde é a Rua Jacinto, também derrubaram...

RC – E esses prédios foram construídos por quem? Ah, tá, Rua Jacinto.

NM – E teve outro lá das Pioneiras Sociais, ‘derrubou’ também. *Tem morador* ia lá (Inaudível), (Inaudível) ‘era’ três ‘parte’. *Aqui era uma parte* do prédio, aqui outra parte, e outra parte, *elas eram* ‘colado’. Mas começou a abrir um pouquinho. O engenheiro veio, botou fita, (Inaudível), fita e (Inaudível). “‘Vamo’ esperar um mês.” A garotada chegou lá e tirou aquilo, começou a rasgar aquele negócio, ia de andar em andar e puxava pela janela. Aí botou novamente. Aí chegamos perto das *mãe, falamos* (Inaudível): “Deixa aí porque é

pra *ver* aonde vai isso.” A fita enorme, ‘botamo’... Passou uns quatro meses e parou. Aí deram outra injeção, disse: “Olha, os ‘prédio’ não vão cair nada, agora, se vocês continuarem lá embaixo ele vai remover vocês.” Aí eu ‘tava’... eu ‘tava’ deitado, aí o dr. *Jacques* chegou com a polícia. Eu digo: “*O que foi?*” “Vão fazer a remoção de madrugada.” Eu digo: “O quê? Tá maluco, *Jacques?*” “(Inaudível) os ‘cara’ encheram lá embaixo, Nelson!” Eu digo: “Mas não é assim. Manda a polícia ir pra casa, a gente amanhã resolve isso, de manhã. Eu acordo cedo aqui, acordo 6 ‘hora’, vou pra administração. Deixa a Penha dormir até 8 ‘hora’, pra mulher não acordar e vir pra cá, (Inaudível), sem café, sem... sem nada. Não tem nada aqui, rapaz!” Aí, o (Inaudível), com *muita força*, ficou só o policiamento tomando conta, e ele foi embora, ele mais a Secretaria. Ele disse: “Você segura?” “(Inaudível), eu seguro. Eu vou *dormir* na administração.” Aí eu *apanhei* duas ‘colcha’ lá em casa, um travesseiro, botei lá no chão, (Inaudível). “Tá tudo calmo, (inaudível).” “(inaudível). Não, vai pra remoção. Já tem pra onde ir? Então não tem problema. (inaudível). Pode pagar alguma coisa, (Inaudível). Vila Kennedy.” Desci com mudança na gaveta, nesses ‘caminhão’ ‘fechado’. “Bota quando quebra lá. Se tiver televisão, criança pequena, e objeto de valor, leva na Kombi.” A Kombi acompanha com duas ou três famílias. Então, fazia a remoção direito. Aí acabou. Aí passou um ano, o *prédio de pé*. Aí o dr. Carlos Lacerda mandou derrubar os ‘prédio’ (*risos*)

RC – Por que é que o senhor acha que ele mandou derrubar?

NM – Ah... Hein?

RC – Por que é que o senhor acha (Inaudível)?

NM – Ele se aborreceu (Inaudível), e derrubou, aí fez as ‘casa’, fez mais 40 ‘casa’.

RC – Estranho, né, (Inaudível)...

FS – Então não teve o motivo do prédio estar ameaçado de cair (Inaudível)...

NM – (Inaudível) *ameaçado*, e o pessoal (Inaudível) voltar a fazer bagunça. Então ia lá encher o Délio. O Délio já não ‘güentava’ mais, já ‘tava’ desde antes, já ‘tava’ com... como é... com problema, catarata, até ele faleceu disso, (Inaudível), entendeu? O homem já ‘tava’ cansado da... do serviço, falta de funcionário que tinha. Pra arrumar administrador não foi fácil. Desde que ele botou lá, parente do Jacques, teve que mandar embora porque o garoto começou a vender casa. Houve esse problema. (Inaudível) pela pessoa, ele vendia, então (Inaudível) esse problema. Então, antes que sujasse o nome dele, o Délio mandou embora: “Manda embora, Jacques, ‘vamo’ continuar. Tenho que botar... O Nelson fica ajudando aí.”

RC – Então os prédios foram derrubados pelo Carlos Lacerda, né? O *nome* de CHP2 vem desses prédios, então?

GG – (Inaudível), Centro de Educação Provisória?

RC – É.

GG – Não, acho que o nome tá mais ligado às casas.

RC – Às casas que vieram depois.

NM – (Inaudível) do ex-combatente, aquele prédio (Inaudível) nada com isso, não...

RC – Ah, tá, tá, tá certo.

NM - ... porque ele tá dividindo pra lá.

FS – O CHP2, essas pessoas que iam morar lá, que recebiam essas casas, elas tinham noção que era uma habitação provisória? As pessoas que recebiam essas casas pra morar lá no CHP2, elas sabiam que era provisória, sabiam que...?

NM – ‘Sabia’, todos ‘sabia’. A primeira (Inaudível). Você vai morar aqui é provisório, até que o outro vinha já com outra conversa (inaudível) assim: “Pois é, já vim lá na Praia do Pinto, que veio da Cachoeirinha, lá no (inaudível), dizendo que quem não pode pagar não vai pagar nada, (inaudível). (Inaudível) porque se lá ‘tão’ dando informação... Quem... quem que tá fazendo remoção pra cá? Pergunta (Inaudível) o carro que tem serragem no carro.” Aí (inaudível): “Quem tá dando é... como é... é eles aqui da... da coordenação da favela, não sou eu não.” Eu digo: “(Inaudível), eu nem não acredito que você seja... um cara mais inteligente do que eu, trabalha há mais de 10 ‘ano’ (inaudível)”. (inaudível)... como é... “A senhora... a senhora, mas vai pagar a luz, a senhora vai pagar. A água não que o governo não cobra a água”, não ‘tava’ cobrando água, nem esgoto, “mas a luz a senhora vai pagar, certo?” Aí ela já amansou. Esgoto e a água não, (inaudível). Até hoje não cobra água.

RC – Não cobra, né?

NM – Não, nem água, nem esgoto. Agora que vão fazer esgoto novo, que aquele já tá *derrubando* a favela. Alguém assinou, no tempo do Garotinho, (Inaudível) esgoto. Se vai botar o esgoto, o senhor não acredita. O esgoto, um monte de casa aqui, um monte de barraco, um monte de (inaudível), birosca... é desse tamanho o cano. O senhor acredita? Ele tá lá à mostra, o senhor ‘vai’ lá, olha, e vê se é mentira. Quando chove, a chuva não vai pelo esgoto... a chuva passa por trás da minha casa e sai lá fora. Eu não posso comprar um sofá nas Casa Bahia, não posso botar um guarda-roupa dentro de casa, tenho que botar com cavalete. Até hoje, armário embutido consegui fazer, mas, pra botar no chão, não dá (Inaudível), não.

GG – (Inaudível)...

NM – (Inaudível) por causa do esgoto (Inaudível).

GG – Quando eu encontrei o sr. Nelson, há 15 dias atrás, ele ‘tava’ tirando água de dentro de casa.

NM – ‘Tava’ tirando água, ‘tava’ tirando água!

GG – Ele e a neta, né, sr. Nelson?

NM – Eu e minha neta.

GG – Tirando água de dentro de casa.

NM – Não, a minha nora.

GG – A nora?

RC – Puxa vida!

NM – A minha neta é preguiçosa, (Inaudível).

RC – (*risos*) Pergunta Gleide.

GG – Esse...

NM – Ela tá fazendo pesquisa, mas não quer nada não.

GG – Sr. Nelson, essa obra que o senhor está falando é o Pró-Sanear¹? Essa obra mal feita, e que jogou o esgoto... ao invés de jogar pra fora, jogou pra dentro de casa, era o Pró-Sanear?

NM – É isso que (Inaudível) falar. O *campo* da Light em baixo da rede, a Light toda, (Inaudível), dá um pulo lá e vê, (*inaudível*). E ele ainda bota um monte de mata-mosquito pra ir lá ver as ‘casa’, dizer: “Não, vai lá, bota no ralinho, bota aquele pozinho.” Lá fora tá (*inaudível*), cada mosquitão! (*risos*) Eu precisava de um *médico* de dentro da Fiocruz. É uma vergonha! Aquela água verde...

RC – Nossa!

NM – O cavalo passa (*inaudível*), faz necessidade, o porco, gato, cachorro, galinha, e agora tá aparecendo um monte de cabra lá. Você já pensou, naquela água toda? A criança ainda brinca naquela água, tem aquelas ‘marca’ *no corpo*, horrível.

RC – Nossa!

NM – Dá... dá alergia.

FS – Claro.

¹ Programa da CEDAE que visa levar saneamento básico as comunidades carentes.

NM – (*inaudível*) aqueles mosquitinhos, aqueles mosquitinhos, morde, aí fica a marca. Eu tenho meus ‘neto’ ‘pequeno’... É que eu comprei esse negócio de (Inaudível), que não deixa entrar nem por nada que eu não boto aquele negócio que faz fumaça porque faz mal à criança, entendeu? Eu faço Detefon, depois ‘boto’ (Inaudível) bem longe, depois a gente vai pra o quarto quando sair o cheiro, bota o ventilador, sai o cheiro. (*inaudível*), aquilo traz doença, compreendeu?

FS – Isso (Inaudível)...

NM – Eu mandei uma carta aí pra... pra Fiocruz, ainda não responderam, eu estou esperando que o doutor me responda. Mandei até... até... ‘pra umas ‘moça’ que ‘trabalha’ aí, que (*inaudível*). Eu disse: “Olha, entrega na mão do médico. Se ele vai rasgar você me diz.” “Mas ele não rasgou, não, (*inaudível*) não rasgou, não, ele botou lá na mesa. Ele ficou de ler a carta.” Então, tá beleza. É muita... é muita, é muita sujeira! Aquele verde... aquele verde dá... dá um cheiro de noite que você não ‘güenta’, porque é esgoto com água podre, com fezes. Não dá.

FS – Esse... essa... isso tudo, então, foi causado pelo Pró-Sanear, o programa Pró-Sanear, né?

NM – É.

RC – Que não saneou nada.

NM – Porque a Light, a Light não deixa construir mais, (Inaudível) com o helicóptero todo o dia, e o carro da Light tá lá dentro todo o dia de manhã. Construir, não deixa, não, construir, não deixa mais, não.

GG – Em compensação a CEDAE não se importa, né, (Inaudível)?

NM – (Inaudível).

GG – Porque tem aquela adutora, né, aquela adutora passa por dentro da... a gente vê aí no mapa, por dentro das comunidades de Manguinhos, e volta e meia estão tirando famílias junto da adutora, e constróem de novo. A CEDAE parece que não se importa.

NM – (Inaudível). Você sabe o que aconteceu? Tiraram os ‘barraco’. Os ‘cano’ que eles ‘usava’ nos ‘barraco ‘tinha’ água, água encanada. (Inaudível) que tiraram os ‘cano’, roubaram os ‘cano’ de cima só, os de baixo, ‘afundado’, ‘tá’ vazando água direto!

RC – Isso vai minando o terreno, o terreno vai ficando (Inaudível).

NM – (Inaudível) rio, você sabe que o rio? O rio tá sem chuva. Você vê lá o rio (*inaudível*). Então as ‘criança’ cai naquilo: água com esgoto, água com fezes, água cor verde, água com

mijo – desculpe – o cavalo faz xixi, o porco faz, e diz que dá ‘escreptoclerose’, não sei o quê...

GG – Leptospirose.

NM – É, essa doença. Eu não sei *como a mãe* deixa. Eu queria que a Saúde Pública que (Inaudível) um homem responsável, e visse isso. Eu controle com a Saúde Pública. Já pedi ao rapaz, desses que ‘trabalha’ dentro: “Pede encarecidamente pra dar um pulo aí, rapaz, só pra olhar, ele vai olhar. Ele vai dar o palpite dele. Vai se interessar ou não.” Isso ainda vai morrendo aí criança, não sabe o que é. Leva pra o médico, eles ‘culpa’ o médico. O médico não tem culpa, não. Então, você apanha um troço desse e bota a mão na boca, ou a chupeta cai no chão, bota na boca, (*inaudível*). O que é isso! Aquelas ‘água’ ‘empoçada’, ‘suja’, água de fezes, água de... de tudo. Essa comissão que tem no Manguinhos (*inaudível*), tenho pena, não tem material pra trabalhar! Não tem enxada, não tem um carrinho de mão, não tem um arame para desentupir, não tem um cano (Inaudível) pra meter, não tem. Aí você tira, *como* um cara vai botar uma comissão dessa dentro de uma favela? Quando chega sábado eles não ‘trabalha’, nem domingo. As ‘casa’ ‘tão’ ‘cheia’ d’água. Quando... Se chover, pior ainda, mas, graças a Deus, não tem chovido, não. Eu consegui botar um cano, um cano lá em casa (*inaudível*), entra lá na cozinha e sai lá na rua, pra me aliviar um pouco, mas água limpa, a minha é água limpa, que eu vou lá e tiro água da rua. Pode ver que a minha rua tá toda varrida, que eu varro (*inaudível*). Eu não gosto de rua suja. Eu não espero o lixo, não, que ele só vai passar daqui a 3 horas. Eu digo: “Ah, vou varrer, vou levar o lixo lá que eu tenho tempo, *vou levar*.” Quando eu chego lá (Inaudível). Eu digo: “Fui tomar banho, fui limpar o rosto...” “Ah, você vai?” “Vou, vou, acabei de limpar, vou embora.” Se todo mundo tivesse limpeza dentro da favela ‘era’ bonito, que é muita família boa, boa. Mas tem uns que não ‘liga a mínima’. É por isso que dá muita doença.

RC – Sr. Nelson, a gente achou umas fotos antigas lá no arquivo, não sei se o senhor reconhece alguma dessas... essas casas. A região, lá, do senhor, o CHP2, tinha desse tipo de barraco? Tinha?

NM – No Caju eu tinha... eu morava num barraco assim.

RC - No Caju?

NM – No Caju. Em Manguinhos tinha também.

RC – Tinha também, né?

NM – No princípio, que eu fui pra lá, ‘tava’ (*inaudível*) barraco.

RC – Pois é, a gente achou lá no Arquivo Geral da Cidade com identificação de Amorim, Parque Amorim.

NM – É, é, Amorim eu conheço, Amorim, sai lá atrás da outra avenida, na subida.

RC – Pois é, mas a gente acha que toda essa região era chamada de Amorim, nessa época, porque essas fotos são da década de 50. Dá uma olhada.

GG – (inaudível).

NM – (Inaudível) ...também tá aparecendo aqui.

RC – Quem?

NM – Tipo do... Esses ‘barraco’ ‘é’ ‘tudo’ do Caju.

RC – Típico do Caju esse tipo de construção?

NM – É, da favela do Caju.

RC – Ah, tá. O senhor reconhece, assim, um... esse morro? É tudo aqui perto?

NM – É.

RC – O senhor reconhece algum...? Que aqui diz, olha: “Ponte sobre o Rio Faria – Avenida Suburbana”. Ah, essa já é mais antiga, 28, antes do senhor nascer (*risos*). (*pausa na fita*)

NM – (Inaudível) muito bonito. Tem um vale lá, a serra...

GG – Não, é bonito.

NM – O caramanchão era lindo também, você não conhe... ela conheceu, é.

RC – O caramanchão?

NM – É...

GG – (Inaudível).

NM – É, (Inaudível) planta por fora, tem uma rede de... pra o pessoal se divertir aos ‘sábado’, aos ‘feriado’... Tinha sempre um forrozinho básico...

GG – Era o botequim do seu Artur, né?

NM – É, é. Eu tenho um clube cá na frente também que ia... o governo precisou, eu fui obrigado a entregar, né, que nem era meu o clube, era de todo mundo, lógico. Precisou o governo, eu tive que entregar, já pronto.

RC – Precisou como, da casa? Precisou do terreno, (Inaudível)...?

NM – É, começou como escritório da... do governo.

RC – Ah, tá.

NM – Depois não me deram outro.

RC – Não deram?

NM – Depois que eu briguei muito consegui (Inaudível) a associação lá. Fiz dentro (*inaudível*) também na rua... pegado ao largo, à Suburbana. Tem entrada pra ônibus, pra Democráticos. Vem da cidade, passa ali, em frente à favela, aí sai na Democráticos. Aí consegui, entreguei *ela...* a que... à rapaziada lá, ao Gabriel, que saiu agora, já entregou a outro, quer dizer, não pode vender isso aqui, e nem alugar pra casa. Eles já estão sabendo: “Quando eu morrer, não, *ainda tenho vida*. Depois que eu morrer vocês ‘pode’ fazer *mal uso*, agora não.” Quer dizer, custou muita grana minha também a... E eu deixei de comer muitas ‘vez’, dar a meu filho, pra... pra vir botar saco de cimento aqui dentro, comprar fiado pra pagar aos ‘pouco’. Eu comprava 20, pagava dois, pagava três, até acabar, pagava ‘tudo’ prestação. Já (*inaudível*), a mesma coisa. Hoje tem mesa grande como (Inaudível), tem cadeiras, tem ar... condicionado, (Inaudível). A gente vai pedir pra o governo, diz: “Não pode ser, não, agora não pode, agora não tem.”

GG – As fotos da adutora.

RC – Olha, a gente tem mais outras fotos, aqui, olha (Inaudível). Óh, essa aqui, (*inaudível*)... (*interrupção na fita*).

Fita 2 - Lado A

RC – Bom, continuando então. Essa... essa foto aqui o senhor reconhece, essa foto da...

NM – Eu (Inaudível) essa foto.

RC - ... da adutora?

NM – (Inaudível) adutora, (Inaudível). Antigamente (Inaudível) que tá mais resistente. Os ‘barraco’ eram bem ‘feito’ lá também, mas depois começaram a derrubar, a fazer casa, aí desigualou tudo.

RC – Mas o que a gente chamava de... as construções que eram provisórias, elas já eram em alvenaria? As construções provisórias já eram em alvenaria também? As casas que foram fazendo, que fizeram...?

NM – ‘Era’ na alvenaria.

RC – Eram de alvenaria?

NM – Derrubavam, derrubavam o cômodo todo, aí ‘começava’ a furar o chão todo, a *enfiar* a gaiola, certo? Fazia o quadrado de gaiola, aí começava a levantar *com* as ‘pilastra’, e aí começava a vir o tijolo. Todas elas agora, não pode fazer sem isso.

RC – Agora...

NM – Porque ali foi lixeira, certo?

RC – Sim, certo.

NM - Manguinhos foi lixeira...

RC – Isso, exatamente.

NM - ... foi produto de botar lixo lá em baixo, é igual o Mandela. O metrô, quando começou aí o metrô, eu acho que aquela área... Você conheceu a área ali, em frente ao Oswaldo Cruz, lá pra frente, conheceu aquilo ali?

RC – Não sei, não.

NM – Era cheio d’água, água de lodo. Dava altura, mais ou menos, assim, mas aquilo era fundo. Eu comecei a mandar do metrô pra lá carro de aterros, que ia demolir lá as ‘casa’, não tinha onde botar, eu digo: “Quer saber de uma coisa? Manda pra Manguinhos e contrata o rapaz, que é pra fazer o apontamento quantos ‘caminhão’ ‘vai’ por dia lá. Mas manda ele apontar pra poder pagar o motorista.” Então dava uns 6 ou 7 ‘caminhão’ e ‘começamo’ a mandar. Levou uns 3 ou 4 ‘mês’ também botando aterro aí tudo pra ver o que é hoje, fizeram aquelas ‘residência’ toda ali. Essa despesa o governo não teve porque o metrô deu tudo de terra, aterro de tudo quanto é qualidade.

RC – Ah, entendi.

NM – O aterro era bom porque era as ‘casa’ que ‘demolia’ onde ia passar a estação, onde ia passar a linha do trem.

RC – Entendi. Levava todo o aterro pra aquela (Inaudível)...

NM – Tudo aquilo que ‘tava’ em baixo, até esses ‘trilho’ de bonde, que o *Lacerda* tirou aqui, foi pra lá, aproveitaram tudo no Mandela. Você pode andar dentro do Mandela que é tudo aquele cimento, aque... aquelas lajotas... de... até hoje. Ele aproveitou aquilo, a Prefeitura aproveitou.

RC – Agora, por que é que era provisório, quer dizer, a idéia era remover ainda pra outro lugar?

NM – Não, é... que eles dão provisório. Qualquer parque pertence ao governo, qualquer favela, eu não sei se ‘é’ todas agora, mas todas que ‘pertence’ ao governo eles dão ‘provisória’, porque você pode ficar ali porque aquilo normalmente... O Manguinhos, a parte do Manguinhos pertence à Marinha, certo? A parte parece que do ‘Pinheiro’ pertence a outra estação do governo. Se ele amanhã precisar remover você, ele vai remover, com toda a casa boa que você fez. Vai te pagar a...

RC - ... indenização?

NM - ... pra levar você, indenizar, como o César Maia tá fazendo. Ele chega na casa agora... ‘Tão’ correndo lá, umas ‘moça’, umas 15 ‘moça’ correndo lá. “Você quer sair da casa?” A pessoa... “Quer ficar? Quer trocar? Ou quer ir pra o Jacarezinho, ou pra Sepetiba, ou pra Barreira do Vasco?” Aí a pessoa escolhe. “Quer vender, fala. Quer construir, fala, que eu te dou... eu vou construir em outro lugar pra você.” Vai se quiser, não é obrigado, mas tem que dar condições de você morar, certo? É que... aí é que eu digo, não é bom dar o dinheiro.

RC – É, porque gasta em outra coisa.

NM – A maior parte... não é bom dar o dinheiro. Porque eu tirei... eu tirei duas ‘favela’ ‘pequena’ aqui de trás, ‘pegado’ o... ao Oswaldo Cruz, aqui na... aquela que já passa aqui, que sobe o ônibus, desce pra o terminal, meu filho, dei o dinheiro. O pessoal meteu o pau no dinheiro, não fez casa nenhuma, foram construir lá na Barreira do Vasco. Por isso é que ele deu... dá 15 mil, dá 10 mil, o pessoal não vai construir, vai meter o pau no dinheiro.

RC – É...

NM - É preferível dar a casa, dar a casa, melhor dar a casa, ou trocar também, é boa idéia, agora, dar dinheiro não acho uma boa.

RC – Quer dizer, depois que o senhor saiu da Fundação Leão XIII o senhor participou de remoções ainda, de algumas remoções?

NM – Sempre tô.

RC – Há?

NM – Sempre tô.

RC – Sempre...?

NM – Sempre tô, e devo tá nessa, se sair.

RC – É? Quer dizer, mas aí, com... pela comunidade, o senhor trabalha sempre pela comunidade?

NM – Não, pela comunidade, eu não vou trabalhar para o governo. Vou dar, mas, do jeito que elas ‘quer’ fazer, não. Se for do jeito que elas ‘vai’ fazer, vou deixar elas ‘fazer’, mas eu... Se for da minha banda eu (Inaudível), eu ‘fazeria’ remoção. Sabe como? “Olha, você quer morar? Quer trocar? Jacarezinho tem um bloco de ‘apartamento’ pronto.”

RC – O senhor... o senhor (Inaudível)...

NM – “Vai lá ver se você gosta. Sepetiba tem um bloco, eu tenho 500 ‘casa’ nova, você vai lá ver. A Kombi leva você lá. Agora, dinheiro eu não te dou.” Eu já fiz isso lá. Pra indenizar eles vão ‘doido’, mas que... o meu coração tá dizendo pra não dar. Eu briguei com o cara que ‘tava’ coordenando essa favela aqui porque (Inaudível). Dá dinheiro a um que nem é dono do barraco! A dona tá doente, ‘tava’ doente, lá dentro, ele pegou o dinheiro e fugiu com o dinheiro. Quer dizer, fez mal à moça, a moça ficou sem moradia, a senhora, e ele ficou com o dinheiro, foi embora. Então eu sou contra dinheiro, é. Qualquer coisa que corra dinheiro eu sou contra.

RC – Tá certo.

NM - Agora, eu sou contra *Associação leva...* (Inaudível) só veio aqui ‘panhar’ dinheiro. Vocês ‘quer’ botar a *cota*, bota, eu vou dizer a *cota* qual é. Chega até no pessoal, gentilmente, e fala: “Vocês ‘quer’ ajudar a Associação?” Já digo a quantia: “Se vocês ‘quiser’ saber, 3 ‘real’ cada um. Dá pra fazer a despesa pra desentupir esgoto, dá pra comprar remédio, dá pra dar saca de pão pra dar, certo, e *comprar* (Inaudível) vocês trabalhar... e vocês ‘tão’ ganhando do governo agora, hein! Vocês não ‘precisa’ tirar do dinheiro da Associação, não. A CEDAE tá dando a você, presidente da Associação de Manguinhos, 550 reais. O cara que tá desentupindo tá ganhando, na carteira assinada, 317. O lixeiro tá ganhando 322. Mas não precisa tirar da Associação porque a CEDAE tá pagando à Associação, ‘tá’ ‘tudo’ pagando, certo? É isso que eu quero. Tirar de um lugar pra desmanchar o outro, não dá. Veio trabalhar porque você quis, se candidatou, o teu pessoal se candidatou. Agora, não precisava essa turma, não, de 25 ‘pessoa’, não. Pode cortar 10.” (*risos*) “(Inaudível)...” “Mas pode cortar, eu ‘tô’ mandando, eu ‘tô’ falando que vai dar bode. Rapaz, tu ‘vai’ botar vinte... Você quer fórmica? Tá bem, você é presidente, trabalha aqui com o vice, o vice não faz nada, o vice tá andando pra lá, pra cá, todo o dia.” Eu passo aí, tá... tá de ‘boresta’, diz que é negócio de disco, de escutar disquinho. ‘Vamo’ parar, disco tem hora, tem. Escuta sábado e domingo, dia de semana não escuta disco dentro da Associação, não, não.

RC – Muita gente, né?

NM – “Pode ver a televisão pendurada lá?” “Pode porque ela tá pendurada. Pra ver um cara falar, um jornal, tudo bem, eu concordo.”

RC – (Inaudível).

NM – A (Inaudível) do serviço. Porque, se você deixar certa regalia, ah, vai virar casa de negócio!

RC – Claro.

NM – Todo mundo quer se candidatar porque ganha, mas o governo só disse: “Eu só pago a quinze, dez eu não pago, não, (Inaudível).”

RC – Tá certo.

NM – Você ganhava? Eu não ganhava um tostão.

FS – Sr. Nelson, o senhor conheceu o... algum Iracê, lá da...?

NM – Iraci? Eu conheço.

FS – É. Ele era presidente lá da Associação...

NM – Não, ele foi administrador.

FS - ... da Fundação.

NM – Foi administrador. Ele é meio... como é que é... Então, eu vou falar a verdade, eu trabalhei com ele. Iraci tinha uma... Ele é meio... como é... negócio do Exército, ele é lei exército: escreveu, não leu, o pau come, certo?

RC – Ah, é?

NM – Ele arrumou muita amizade, e arrumou muita inimizade. Sabe que em favela tem que trabalhar com carinho, não ‘é’ todos que ‘é’ burro. Houve um problema com um PM lá, deram tiro dentro da favela. Iraci se meteu, segurou uma “bananosa”. Aí veio coronel, veio não sei o quê... Aí o Délio... o Délio não, o Jacques teve que ver, conversar: “Deixa esse caso com o distrito, da Associação... a administração separada. “Esse caso foi na rua, não foi, os ‘tiro’?” Pegou na funcionária. Então ela vai pra o médico, depois vai depor, e... aqui, no 21 DP. Isso é caso de delegado, não é caso nosso. Ela é funcionária, vou dar apoio a ela, mas ela tem que ir lá depor, dizer se foi aquele mesmo. O administrador se afasta, a não ser que ele queira tomar (Inaudível), ser testemunha. Vai ficar perseguido.” Aí passou, o Iracê ficou perseguido. ‘Andava’ uns ‘carro’, rondando a administração – eu ‘tava’ lá – rondando, eu digo: “O que é que tá havendo? Iraci não chegou ainda.” Aí eu fui perguntar ao cara do carro, tudo à paisana: “O que é que tá acontecendo?” “Aqui trabalha Iraci?” “Trabalha, por quê? É administrador.” (Inaudível) ‘fardado’, da Polícia Militar, (Inaudível): “Houve o negócio, ‘cabou’ já, pára com esse negócio! Acaltar e...” Mas Iracê era estourado. Se era a época de hoje, ‘tava’ brabo pra ele.

RC – Ele tá morando agora onde, em Sepetiba, não é isso, tá em Sepetiba?

GG – (Inaudível) em Sepetiba, não sei.

NM – É Sepetiba?

GG – Eu ‘tava’ tentando lembrar o nome do lugar...

RC – Ele tá morando...

NM – Ele era trabalhador, era cumpridor dos ‘dever’, muito cumpridor. Isso eu não tiro a vantagem dele, não, mas era assim, meio avançado. (risos) Ele é meio guerreiro, sabe como é? Ele falava mais do... O pai dele foi... foi coronel, parece, ou capitão. (Inaudível): “(Inaudível), esquece isso aqui dentro, (Inaudível)...” Ele lidou com a turma levada, ele acalmou porque que matar os três. Eu digo: “Graças a Deus, (Inaudível) ‘foi’ os três, senão ele ia também.”

RC – Então o Iracê trabalhou bastante anos, né, (Inaudível)?

NM – Trabalhei na Fundação...

FS – Lembra a... o tempo que Iraci trabalhou aqui, não?

NM – Iracê trabalhou aí... não, o Délio era vivo ainda, (Inaudível).

FS – Na década de 80?

NM – Isso, era mesmo, que o Iraci trabalhou no que... ele dava... uma escolinha que ele fez, fez uma escolinha boa até, as ‘mãe’ ‘ia’ trabalhar e ‘largava’ as ‘criança’ lá pra... Ele dava comida, dava leite, dava mesmo.

GG – (Inaudível)...

NM – Isso eu gabo ele...

GG – A Consuelo estudou na escolinha.

NM - ... fazia tudo aquilo, (Inaudível)... Ele pedia lá nas ‘birosca’, eu sei que ele pedia. Eu sei que ele arrumava aquele monte de comida, arrumava a cozinheira, a dona Benedita. Levava Dona Benedita e a outra ‘fazia’ a comida pra dar ‘às’ criança toda. A mãe botava ali, parece, 9 ‘hora’ da manhã, e ia apanhar às 5 ‘hora’.

RC – Ficava o dia inteiro, né?

NM – Aí houve uma conversa lá, o (Inaudível) chamou... o negócio de: “Vou expulsar 4 ‘mãe’ daqui.” “Por que, Iracê?” “Elas vão... Encontrei com elas batendo papo lá no botequim, bebendo cerveja?” Eu digo: “Onde?” “Lá em Bonsucesso.” Ele chegou na mesma hora quando ela chegou pra apanhar a criança: “A senhora não precisa trazer mais, não, tá, mais não. Não é pela comida, não, que a criança não tem culpa. A senhora leva a

criança e dá pra o seu marido ou pra sua mãe cuidar. Eu ‘tô’ cuidando com todo carinho, a senhora no botequim, bebendo cerveja?”

GG – Essa... essa escolinha...

NM – E isso é um exemplo.

GG - ... funcionou no prédio da Fundação, mas, como a Fundação Leão XIII não faz... não fazia, eu acho que ainda não faz reforma nas suas unidades, começou a afundar, e tinha esgoto entrando nos fundos da Fundação Leão XIII, que ele pegou uma sala, uma sala ou duas, e fez uma cozinha, e fez uma salinha pra colocar essa escola. Isso há... 19, 18 anos atrás, por aí. Aí, como não tinha manutenção, o teto caindo, o chão afundando, o esgoto entrando, aí foi negociado dentro da comunidade, essa escolinha foi transferida para a Associação de Moradores do Parque João Goulart, e lá ela ficou. Lá, depois, houve uns presidentes que conseguiram...

NM – Não, tem muita coisa boa dentro da favela.

GG - ... apoio de entidades... de ONGs internacionais, e ela tá lá, até hoje.

RC – Ah, tá. Quer dizer, então, que a Fundação Leão XIII tinha uma sede aqui...

GG – Tem.

RC - ... tinha uma casinha aqui?

GG – Tem.

NM – Tem uma casinha aqui, tem até hoje.

RC – Tem até...?

NM – Não, tem até hoje. Vai lá assistente social e o ...

RC – Ainda trabalha gente lá?

NM – Trabalha uma pessoa, vai de vez em quando, vai...

GG – (*risos*) Nós vimos né Fábio, como trabalham, né?

NM – Vive mais vazia de que... mas não tem casa, que antigamente o pessoal ia na... lá na...

RC – Será que a gente acha algum documento lá, não?

NM – Não, já sumiram com tudo.

RC – Já sumiram com tudo.

NM – Entregou a associação, sumiu tudo. Sabe o que é? Houve muita venda de casa, houve muita remoção. As ‘casa’ que... ‘O’ que ficaram, agora mesmo, por causa da violência, o pessoal tá abandonando, vendendo as ‘casa’ a preço de banana, tá com medo de morrer, porque vê matar um, vê matar uma moça, vê matar uma criatura, às vezes gente até pra fazer um favor, e, se invocar, mata. Carro não entra, botaram uma barreira lá na rua. Só... O meu cunhado entra, mas entra lá pela rua coisa, nunca implicaram, não. Ontem mesmo foi lá, eu digo: “(Inaudível) fez sinal.” “Quem que fez sinal?” “Um cara lá na rua, mas eu falei que vinha na tua casa, ele não falou nada, não.” “Tá bom.” Não perguntou nada.

RC – (Inaudível).

NM – Aí eu fiquei na minha, mas ‘tão’ vendendo muita casa. As ‘ficha’ não ‘é’ ‘a’ ‘mesma’. Ontem eu fui conferir, fiquei bobo. Morador antigo eu posso ‘amostrar’ a você quantos tem.

RC – É, tá se vendo?

NM - Tem 42. O resto tá tudo vendido. Eles ‘faz’ mais um andar, vende mais caro, o pessoal enfeita o... dá a pintura, o cara vende. Aí vai pra um lugar mais seguro. Esses ‘vende’ pra sair do perigo, esses não vende pra... pra faze.... São pessoas de fora. É pessoal do Norte, é pessoa de Minas – aliás eu tenho lá na ficha, escrito – com medo de morrer. Via tanta violência, bala pegar perdida, numa criança, numa velha, numa senhora, no carro. Tem um carro lá que já não é coisa. Aquele, coitado, é (Inaudível) de bala. O meu relógio de luz não existe. Deram uma rajada de metralhadora, acabou o relógio, tal. Eu fui lá porque ti... tive que ligar direto porque a Light disse que não vai botar! A gente ‘tamos’ de briga aí, que eu não posso ficar sem luz por causa da geladeira, que a criança toma remédio e... na geladeira, e a luz, e a (Inaudível). Não posso ficar sem isso. E pra guardar o macarrão porque o macarrão azeda, né? Mas é triste. A Light dizer que não entra porque não tem segurança, ela dizer na minha cara. 10 ‘hora’ da noite, apagou tudo na favela. A gente ligou, ligou, ligou, tudo que tinha de vela, ela diz que não entra. Eu digo: “Mas eu vou com o senhor, eu vou na “boca” com o senhor!” Fui lá com ele, o operário não quis entrar. Aí já não é mais doutor, é um operário: “não vou entrar que eu não sou doido”.

RC – Então o senhor é muito respeitado aqui na comunidade, né? O senhor ainda é muito respeitado aqui na comunidade?

NM – Graças a Deus. Eu não implico com ninguém. Pode ter o cara queimando fumo, problema dele queimar fumo, ele quer morrer, morre, ele quer cheirar, pode cheirar.

RC – Desde que não acabe com a...

NM – Desde que não me aborreça.

RC – Pois é.

NM – Porque, se eu souber que ele vai me matar, eu corro atrás dele. O que é isso! (*risos*) Quer dizer, já não é o primeiro, não, eu escapei muito ali dentro, eu escapei. Pergunta à Penha, essa assistente social. Eu escapei. Eu fui o único cara ali dentro que tive peito de encarar a primeira vagabundagem que começou a crescer, ‘tava’ crescendo demais. Ainda sei ‘o’ ‘nome’ deles, era: Vinho, Coca-Cola, Beira-Mar... tudo pra dar tiro. Um dia eu passei a mão: “(Inaudível), Nelson, (Inaudível) bala mesmo, compadre, que tá estragando o ponto todo, e não deixa entrar ninguém dentro da favela.”

RC – É, tristeza.

NM – Depois eu pensei bem na minha família, eu disse: “Ah, vou passar um mês fora daqui.” Aí consegui passar. Aí o meu filho disse: “Pai, ‘vamo’ conversar?” Eu digo: “‘Vamo’”. “Dá uma parada nisso? Pára um pouco com a Associação, que a Associação fica e o senhor vai. Não é só o Manguinhos, é o Jacarezinho também, que passaram pra o Jacarezinho, que a informação sai daqui, do seu telefone, da Associação.” Aí mandei retirar o telefone, (Inaudível).

RC – É, não é fácil, né, sr. Nelson?

NM – Aí fui conversei com o delegado (Inaudível), mas não quis combater no Jacaré, não, o Jacaré é muito grande. Fui (Inaudível) lá, eu falei com ele: “Não, (Inaudível), não. (Inaudível).” O Jorge sabe disso, o meu filho. “Chama o Jorge aqui.” “Jorge.” O Jorge: “Ah, deixa pra lá (Inaudível).” “Pode falar, não vou em cima, não. Vai acabar (Inaudível), fica quieto. Não vai ter guerra, não vai ter uma reunião.”

RC – E como é que tá lá hoje em dia, tá mais calmo?

NM – É, hoje tá... (*risos*)

RC - Hoje, amanhã a gente não sabe.

NM – Não, hoje já entraram lá, já, a polícia. Não, não, a polícia entrou hoje. Antes dela, chegar ela (Inaudível) no carro, (Inaudível) (*risos*), (Inaudível). Não é reunião, não, não é.

GG – Não, hoje é...

NM – Eu ‘tava’ lá, varrendo a rua, aí ‘tô’ vendo os ‘cara’ ‘tudo’ de preto, né, (Inaudível). Isso deve ser rapaziada daí. (Inaudível) correndo, outro corre pra cá, outro corre pra lá, eu digo: “*Calma aí*, eu ‘tô’ no meio.” Continuei a varrer. Aí, o cara cheio de... negócio de estrela, acho que é... sei lá se é coronel se é...: “Ôpa, amigo!” “Ôpa, e eu varrendo...” (*risos*) “O senhor mora onde?” “No Manguinhos.” “Mas o senhor ganha...” “Não, eu gosto de ‘tá’ varrendo.” E a padaria ria, né, o Paulo, tal: “Ó Nelson, tu é maluco?” “Eu, maluco? Eles é que são ‘maluco’, correndo na minha frente, homem! (*risos*) Tá um atrás de mim correndo, eu vou olhar pra lá, tem outro, então não olho mais. Eu ‘tô’ só varrendo.”

RC – O senhor tá na sua lá, né, seu Nelson?

NM – “Tô” na ‘sua’. Ajuntei meu lixo antes dela chegar. Apanhei o lixo, botei no saco, fui lá despejar e ligar... em frente à Igreja São Daniel, tudo arriado, eu digo: “Ah, não, perai, deixa eu sair daqui que eu ‘tô’ botando lixo.”

GG – É porque de madrugada teve tiroteio.

NM – É, deu até agora, teve, teve tiroteio, é...

GG – (Inaudível).

NM - ... 3 ‘hora’ e ‘pouca’ da manhã. Eu ia abrir a porta porque eu esqueci o... os ‘tapete’ lá fora, da menina. Eu digo: “Não, abre não, deixa pra lá, deixa...” “(Inaudível) nada, custou meu dinheiro, como é que vai roubar? Não, aquele...”

RC – O tapete ia ficar todo furadinho, né?

NM – É. Fui lá, consegui, quando ‘acabou’ os ‘tiro’, ‘parou’, fui lá e tirei os ‘tapete’, joguei na sala, disse: “Deixa aí, amanhã a gente arruma.” Tem... tem gente... tem gente entrando aí na padaria. Tem... tem quatro ‘vagabundo’ ali, escutando rádio.

RC – A gente fica aqui, rindo, mas deve ser uma realidade meio...

NM – É, e não mexe com morador.

RC – A gente faz uma... a gente acha que...

NM – Não mexe com as menina, não mexe com nada, só se der confiança. Se der confiança eles ‘deita’ e ‘rola’, mas, passou fechado, que o cara que toma conta: “Não, não quero que mexa com família, e ninguém. Pode ‘tá’ com relógio, ouro, dinheiro, não quero saber de nada disso aqui, não, rapaz! Já sabe o que é que acontece, né?” Então eles já ‘tão’ sabendo, ninguém quer fazer nada. Só que botaram uma muralha onde entra carro, o carro tem que dar uma volta danada, é chato. Agora, eu moro ali, eu nunca... Carnaval, (Inaudível): “Vai sair?” “Não.” “O que é que vai ver?” “Eu vejo a televisão, rapaz.”

RC – Tá certo (*risos*).

NM – ‘Panho’ uma cervejinha. ‘Tô aqui em casa mesmo, vai que eu durmo. Que...

RC – Ninguém mexe com o senhor?

NM – Não.

RC – Tá certo.

NM – Casa fechada! ‘Tô’ lá pra o... pra o terraço do meu outro filho... Nada, não saio nem de casa. Natal, não vou na casa de ninguém, dentro da minha casa. Acabei a ceia, vou dormir. Digo: “O que é isso, não vou na casa de ninguém, rapaz, fazer o quê?” Ano Novo, deixa tocar o foguete, vou ficar aqui. E lá é uma saraivada de metralhadora. O quê? Tu não ‘sabe’ o que é fogo, o que é metralhadora, mas gasta muita bala, lá! Como é que eles ‘compra’ aquilo, é bala de (Inaudível)! Eu fui dar um abraço na minha filha, que ela faz... a Fátima. Cheguei lá, tô vendo (Inaudível): “Vou embora, não vou nem ficar, né? Ih, não quero comer nada, vou embora pra casa! que...” A outra falou: “Avisa teu pai que vai sair uma saraivada.” Aí eu... eu... ah, não, eu fiquei zonzinho. (Inaudível). Bateu meia-noite: (imitando ruído de metralhadora). Eu digo: “Ih caramba Deus!” (Inaudível) mexer a casa! O que é isso, rapaz? Mas tudo junto, mais de 15! É um perigo.

RC – É. Sr. Nelson, acho que a gente já... É você que vai levar ele lá (Inaudível)?

GG – Vou, vou, eu preciso ligar (Inaudível).

RC – Então, olha só... (*interrupção na fita*).

*A Fita 2 não foi gravada integralmente (aproximadamente 25 minutos do Lado A).